



**PBPC**  
ISSN 2674-9432



**Qualis A3**  
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no  
Google Acadêmico

## **DARCY RIBEIRO: O HOMEM QUE PISAVA NO CHÃO MIRANDO AS ESTRELAS**

*Emanuelle Santos Matias<sup>1</sup>, David Lucas Oliveira da Silva<sup>2</sup>, Josemar da Silva Martins (Pinzoh)<sup>3</sup>*



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p1570-1582>

Artigo recebido em 14 de Dezembro e publicado em 14 de Fevereiro de 2026

### **ARTIGO ORIGINAL**

#### **RESUMO**

Este artigo analisa a trajetória intelectual e política de Darcy Ribeiro (1922-1997), tomando como eixo central a sua utopia de construção de um Brasil mais justo e soberano. O estudo demonstra como essa perspectiva orientou suas contribuições fundamentais na antropologia, na educação e na ação política, destacando seu embate histórico pela consolidação de uma educação pública e democrática, materializada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), frente a forças conservadoras e privatistas. Nesse sentido, realizou-se um estudo qualitativo tendo como base a pesquisa bibliográfica a partir das obras do autor. Para tanto, explora a base teórica do pensamento de Ribeiro, ancorada no materialismo histórico, que entendia a utopia como um projeto político concreto, partindo da satisfação das necessidades materiais do povo para a efetivação da cidadania. Conclui-se que a atualidade de Darcy Ribeiro reside em sua capacidade de articular esperança com ação prática, oferecendo um referencial crítico para se pensar os desafios do Brasil na contemporaneidade, sobretudo na educação.

**Palavras-chave:** Darcy Ribeiro. Utopia. Educação. LDB.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB – DCH III), EDUCERE. emanuellesmaa@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB – DCH III), EDUCERE. davidlucas6941@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Universidade do Estado da Bahia (UNEB – DCH III). jmartins@uneb.br

## ***DARCY RIBEIRO: THE MAN WHO WALKED THE GROUND WITH HIS EYES ON THE STARS***

### **ABSTRACT**

This article analyzes the intellectual and political trajectory of Darcy Ribeiro (1922-1997), focusing on his utopia of building a more just and sovereign Brazil. The study demonstrates how this perspective guided his fundamental contributions to anthropology, education, and political action, highlighting his historical struggle for the consolidation of public and democratic education—materialized in the Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996)—against conservative and privatizing forces. To this end, a qualitative study was carried out based on bibliographical research of the author's works. It explores the theoretical foundation of Ribeiro's thought, rooted in historical materialism, which understood utopia as a concrete political project, starting from the fulfillment of the people's material needs for the realization of citizenship. It concludes that Darcy Ribeiro's relevance lies in his ability to articulate hope with practical action, offering a critical framework for thinking about Brazil's contemporary challenges, especially in education.

**Keywords:** Darcy Ribeiro. Utopia. Education. LDB.no minimo 3 palavras-chave em inglês

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **1 INTRODUÇÃO**

A mesma utopia que moveu a esquadra portuguesa a atravessar o Atlântico rumo ao desconhecido, nutriu o jovem Darcy Ribeiro (1922 - 1997) a sair dos sertões de Montes Claros, Minas Gerais, e reinventar a compressão antropológica sobre o Brasil. Para isso, Ribeiro passou sua vida pisando “no chão mirando as estrelas, mas sem poder vê-las no céu brilhar” (Filho; Moraes, 1972, 1min42s), pois a matéria prima de sua existência era o sonho com uma nova nação, ainda que as forças neoliberais buscassem constantemente dissuadi-lo.

O romancista em seu discurso de posse na cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 15 de abril de 1993, afirmou que: “estou certo de que alguém, neste resto de século, falará de mim, lendo uma página, página e meia. Os seguintes menos e menos. Só espero que nenhum falte ao sacro dever de enunciar meu nome. Nisto consistirá minha imortalidade” (Ribeiro, 1993, p. 1). O legado de Darcy Ribeiro permanece sendo lembrado em suas obras literárias, estruturais e políticas, da Universidade de Brasília (UNB) ao Sambódromo de Sapucaí (Gomes, 2010).

A biografia de Darcy Ribeiro é um riquíssimo exemplo de como manter a esperança por aquilo que todos/as julgam como inalcançável. Com a sua trajetória, o indigenista ensina que é possível uivar para a lua em uma noite sem estrelas (Torres, 2002). A representação poética das estrelas utilizada por Torres (2002), Filho e Moraes (1972), consegue ilustrar a busca incessante de Ribeiro pela utopia de um Brasil mais justo. Esse sonho foi combustível para que mesmo após ter contraído câncer (Gomes, 2010), continuasse teorizando e batalhando pela sua nação. Por essa razão, a vida de Darcy Ribeiro consistiu em uma luta para que ninguém mais tivesse que lutar (Moraes, 1975).

Lutar pela existência plena do outro era demonstração ativa de que a crença maior de Ribeiro estava alicerçada na busca da superação das desigualdades estruturais da sociedade brasileira, de forma que as gerações futuras fossem resguardadas de enfrentar os mesmos desafios, embora outros desafios fossem esperados em típica consequência do contínuo movimento humano. Essa visão, profundamente coletiva e solidária, refletia o compromisso com a transformação social radical e com a construção de um futuro possível, no qual as gerações seguintes pudessem viver sem a opressão e



as desigualdades que marcaram a história do país, testemunhado pelo antropólogo por diversas lentes, inclusas as de 1964, embaçadas pelo exílio.

Sua análise antropológica adentrou as veias do Brasil sertanejo através da crítica, materializada pela recapitulação histórica de como os “latifundiários do interior nordestino se utilizaram da indústria da seca monopolizando os recursos governamentais de amparo aos flagelados” (Ribeiro, 2009). Posteriormente, Roberto Silva (2011) reflete sobre a transição do paradigma de combate à seca para o de convivência com o Semiárido, tendo como base o pensamento de Ribeiro (2009), tornando-se uma das raízes epistemológicas desse movimento pedagógico e teórico que se consolidou como a Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido (ECSAB).

## **2 METODOLOGIA**

Diante do exposto, para melhor tessitura do estudo apresentado aqui, recorreu-se a uma análise qualitativa, tendo em vista “estabelecer significados aos processos sociais, refletindo sobre as motivações, crenças e representações que atravessam as relações interpessoais” (Pádua, 2016). Sendo assim, este texto nasce da contemplação, fichamentos e diálogos em torno dos escritos de Darcy Ribeiro e seus biógrafos, tornando-se, deste modo, uma pesquisa bibliográfica ancorada no Materialismo histórico-dialético (MHD). Nesse sentido, Fachin (2006) aponta que “a pesquisa bibliográfica tem como finalidade conduzir o/a leitor/a em torno da apropriação de determinada temática”, dito isso, são apresentadas nas páginas seguintes uma breve introdução à vida e aos conceitos de Darcy Ribeiro.

## **3 RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Darcy Ribeiro teve as portas da pátria fechadas para si de 1964 a 1976. Nesse longo período, estabeleceu relações políticas com figuras importantes, como Salvador Allende, presidente do Chile, e com Velasco Alvarado, presidente do Peru (Brasil, 2024). As ações do brasileiro reinventaram a educação do Brasil, dando-lhe um aparato legal nunca visto na história do país através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394/1996,



consagrando uma ruptura, visto que a materialidade das transformações educacionais era rígida, até então, apenas por meio de decretos (Teixeira, 2007).

A promulgação da Lei de Diretrizes e Base (LDB) ocorreu após um longo embate de Ribeiro e Anísio Teixeira contra as forças tradicionais do país, que “estavam orientados pela Pax Romana, dom Hélder Câmara e Carlos Lacerda, defendendo as posições de direita, o privatismo educacional e o elitismo” (Ribeiro, 1986). Nesse período, a Convenção Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) era representada por Dom Hélder Câmara, atualmente considerado servo de Deus pela Igreja Católica Apostólica Romana, grau conferido pela instituição para evidenciar um exemplo de santidade a ser seguido por seus fiéis.

Em face disso, Ribeiro (1986) escreve que o objetivo de dom Hélder era inserir na LDB a obrigatoriedade de a união destinar parte dos recursos da educação pública para as escolas particulares. Então, como seria possível acender velas e pedir milagres a um quase-beato que queria fragilizar a educação das crianças da classe trabalhadora? Nesse cenário, “o Dom dos pobres” (Antonio, 2018, p. 10) seria exortado para garantir os interesses das escolas confessionais e viria a ser um dos artífices para o que no século XX vingaria como reforma empresarial da educação (Freitas, 2018).

Diante dos conflitos da Lei da Educação, Ribeiro (1986) narra que precisou recorrer à ordem Dominicana para conseguir a benção da Pax Romana. Esse imbróglio demonstra que faltou a Hélder Câmara aprender algo como os pensamentos de Frei Betto (2018, p. 17): “sabes aquele garoto que no trânsito te aborda no sinal vermelho? Aquele acrobata amador que faz brilhar sobre a cabeça meia dúzia de bolas ou garrafas? Não dê a ele esmolas, abre-lhe os horizontes, aplica-lhe a fome de humanidade. Escolhe a escola”. Consoante a isso, Câmara escolheu a escola, mas a instituição privada e confessional em detrimento ao sucateamento dos recursos para o ensino público. Porém, Ribeiro (1986, p. 219) escreve que:

Assinalo isso com tanta ênfase para realçar a tristeza e a decepção em que caí quando dom Hélder, consultado, **pôs o dedinho em cima do meu nome e disse: – Se não é comunista, parece muito. – Me vetou.** É curioso pensar nisto neste ano de 77, em que vejo dom Hélder com a maior admiração, como alguém que está no nosso lado, na luta pela defesa dos interesses populares e inclusive da escola pública. **Como era diferente em naquele tempo!** A Pax Romana estava, então, orientando ideologicamente a campanha de defesa do elitismo (grifos do autor).



Dessa forma, Darcy Ribeiro (1986) reconhece o processo de reinvenção de dom Hélder ocorrido ao longo dos anos, evidenciando o intrínseco processo de contradição teorizado pelo jovem Marx (2006) ao investigar Hegel e as relações jurídicas na sociedade em suas condições materiais. Todavia, esse fenômeno de redenção contribuiu para a coalizão de forças em prol da escola pública e democrática sonhada por Anísio Teixeira (2007), este que Darcy chamava de Mestre Anísio, demonstrando a parceria construída entre eles ao longo de anos de trabalho no Ministério da Educação (MEC), escrevendo os pronunciamentos presidenciais, na Universidade de Brasília (UnB) e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que foram um terreno frutífero para Ribeiro (1986) reconhecer a si mesmo como um educador.

Darcy Ribeiro acreditava que a educação deveria ser um meio de promover a igualdade social, refletindo o ensino público como um fator essencial para a formação do cidadão e para a criação de oportunidades para as camadas mais pobres da população. Para ele, uma educação de qualidade, acessível a todos, poderia quebrar os ciclos de pobreza e exclusão social, portanto, projetos que tinham como finalidade favorecer uma classe já abastada tinham de ser combatidos.

Embora o sistema atual não reserve grandes diferenças, Ribeiro criticava o sistema educacional brasileiro público, propositalmente sucateado, como um espaço onde as desigualdades sociais se refletiam e se perpetuavam como um moinho de gastar gente (Ribeiro, 2002), quando o papel da educação devia ser o de desafiar essas desigualdades e promover a construção de uma sociedade mais democrática e justa.

Sob essa perspectiva, Darcy apontava a educação como um projeto nacional amplo, voltado para o desenvolvimento social e econômico, alicerçado em um sentido de nação coesa e integrada. Em sua visão, a educação pública deveria estar ligada a um projeto que atendesse às necessidades de todos os cidadãos, com uma abordagem que incluísse as diferenças regionais e culturais do país.

Por esse motivo, Darcy Ribeiro dedicou-se a desvendar o Brasil com a obra *O Povo Brasileiro* (Ribeiro, 2009), resultado direto desse esforço histórico e político que, como o próprio subtítulo anuncia, conseguiu capturar elementos importantes à formação e o sentido da nação, essa que ainda carrega em suas entranhas inúmeros *brasis*.

## **A utopia-Brasil: os sonhos de uma terra posta para servir sua gente**

O ano era 1995, o tempo do mundo ainda vivia uma ressaca ácida do acirramento da luta de classes, simplesmente nomeada Guerra fria (1947-1991). Sobre a América-latina se abatia a tarefa da agenda estrangeira de execução dos programas neoliberais por governos democraticamente eleitos nos anos 90, dentre eles, os estabelecidos no Brasil com a as eleições de Fernando Collor de Melo (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Darcy Ribeiro, à época senador pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), ao lado de Rubem Alves, participava de um debate promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. O tema era A utopia, que diferente do que o nome do encontro sugeria – Debates Impertinentes –, mostrou-se pertinente, sobretudo pela falsa sensação de estabilidade de um país incompetente para punir seus algozes.

Na ocasião, foram mediadores da conversa Caio Tulio Costa, jornalista da Folha de São Paulo, e o professor Mario Sérgio Cortella. Ainda nos primeiros minutos do que seria um encontro de quase duas horas, Tulio Costa (1995, 11m45s) direcionou a Darcy Ribeiro uma pergunta, feita com alguma tensão: “Nós, brasileiros, estamos carentes em termos de imaginação utópica. (...) Aonde está o nosso projeto utópico? Se é que existe algum”. Apoiado em sua bengala, o senador respondeu em um zigue-zague comum a quem tem muito a falar, ou melhor, de quem sente prazer falando:

A utopia tem dois componentes. A utopia tem um componente que é satisfazer as necessidades elementares do povo. Comer todo dia, se possível, três vezes. Atender às necessidades fundamentais (...) isso é vontade que vem de baixo, é como no órgão, um som profundo. (...) A utopia é uma vontade de comer todo dia, de ter um emprego, de poder educar o filho. (...) Esse é o clamor utópico mais alto. (...) Mas o político, o intelectual tem que pensar, tem que projetar o caminho. A utopia é o clamor e a criatividade (...) desenhando a imagem do que o país poder ser. (...) Utopia é ter um projeto político e ir tentando fazer coisas aqui e agora, mudando o mundo. (Ribeiro, 1995, 12m00s).

O trecho destacado, não arbitrariamente, parece cumprimentar toda uma vida dedicada às ações concretas em busca da utopia de um Brasil formado pelo e para o povo brasileiro, nascido na ancestralidade negra e indígena. A utopia de ter ao alcance

das mãos o que é fundamental a um corpo orgânico, demonstra a materialidade a qual todos os humanos estão atados; materialidade que, longe da conformação da pretensa realidade iniciada e findada na ideia, é apontada por aqueles comprometidos com a classe despossuída que para alimentar o espírito, movimenta-se antes para alimentar o estômago. Nesse caso, a letra popular “saco vazio não para em pé” é a síntese mais efetiva.

Sob essa compreensão, não é de espantar que a base do pensamento de Darcy Ribeiro tenha riscas das elaborações marxianas e engelsianas sobre as necessidades primeiras do humano vivo, representadas no quociente maior, o materialismo-histórico dialético<sup>4</sup>, formulado frente à crítica ao sistema idealista e ao empirismo. A comida que chega como sonho três vezes ao dia, reforça que “os homens têm de estar em condições de viver para poderem “fazer história” (Marx; Engels, 2009, p. 40), o que significa dizer que antes das transformações de elevado grau de abstração – justiça, igualdade, liberdade, formulações de uma sociedade regida por uma ética comunitária –, há de se pensar nas necessidades da estrutura orgânica que sustenta, no cérebro e no corpo, essas abstrações.

A materialidade histórica – e dialética – forjada no marxismo presente no pensamento de Darcy Ribeiro se atrela à leitura crítica que o antropólogo fez da sociedade brasileira, fundada no “caráter retrógrado do capitalismo dependente que se implementou no Brasil sob a regência de descendentes de senhores de escravos e de testas de ferro de interesses estrangeiros” (Ribeiro, 2014, p. 58).

Nessa esfera, assim como José Carlos Mariátegui reconheceu a necessidade de adaptar o marxismo para as condições latino-americanas, em vez de simplesmente transplantar a experiência europeia (Gonzalez, 2023), no sentido de ‘peruanizar o peru’ por intermédio do trabalhismo,<sup>5</sup> e assim como Antonio Gramsci pensou o socialismo

---

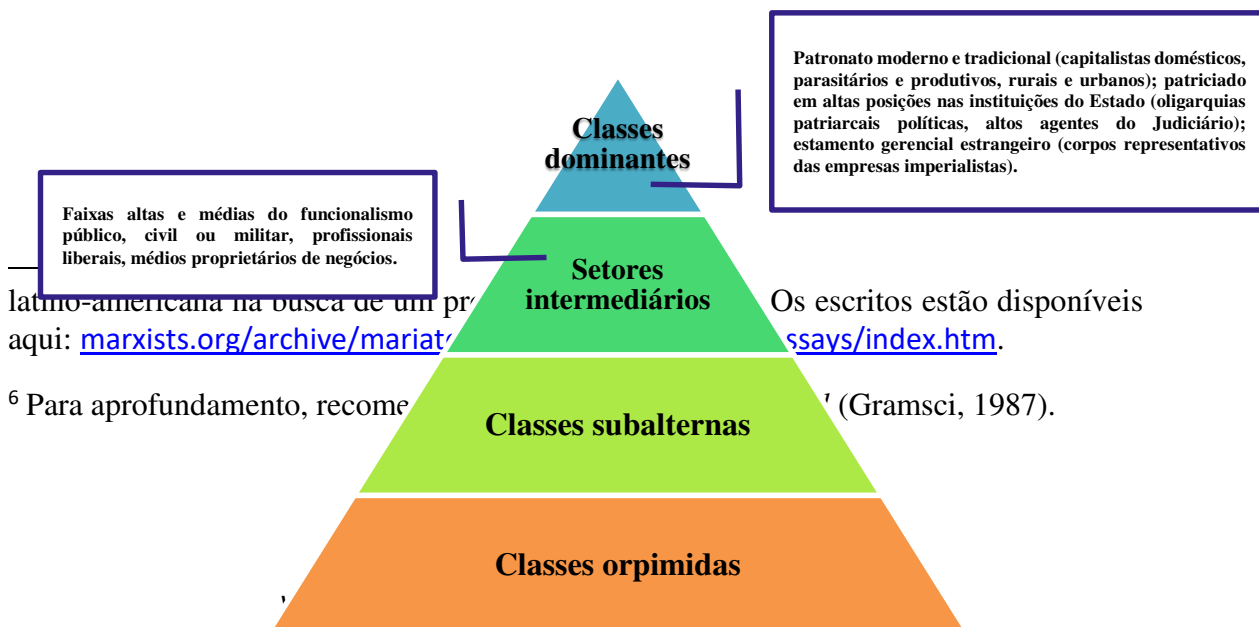
<sup>4</sup> Sobre o MHD, ler: *A ideologia Alemã* (Marx; Engels, 2009) e *Dialética da Natureza* (Engels, 2020), as obras completas, e o prefácio do livro *Para a Crítica da Economia Política* (Marx, 2024). Se pode ainda ler a entrevista cedida por José Paulo Netto à revista *Trab.Edu.Saúde*, no ano de 2011, disponível em [scielo.br/j/tes/a/V6gVSn7fR8qtTXXTPN7syw/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/tes/a/V6gVSn7fR8qtTXXTPN7syw/?format=pdf&lang=pt).

<sup>5</sup> Em *Seven Interpretative Essays on Peruvian Reality* (Sete ensaios interpretativos sobre a realidade peruana) (1928), Mariátegui disserta sobre questões importantes para pensar a liberação da classe trabalhadora no Peru, considerando as especificidades da realidade

sob ângulo de uma sociedade de capitalismo retardatário e de um território que se unificou politicamente, mas não socialmente, vista a disparidade de desenvolvimento entre o sul e o norte italianos,<sup>6</sup> Darcy pensava a transformação radical do Brasil a partir da suas próprias marcas de guerra, desenvolvidas no processo de subdesenvolvido consolidado pelo braço forte da colonização e da ordem internacional que favorecia, e segue favorecendo, as potências centrais no sistema de produção capitalista, proveniente da acumulação primitiva do capital (Marx, 2013, p. 339).

Como reflexo das particularidades da realidade que estudava, não renegando o sentido fundamental do internacionalismo nas lutas populares, Darcy apontava a urgência de criar a nova sociedade local, alicerçada em uma identidade nacional capaz de superar as desigualdades estruturais do passado e do presente, o que implicava, essencialmente, em uma revolução político-cultural baseada na justiça social e no respeito à miscelânea cultural. Esse projeto político-civilizatório, afinal de contas, demonstrava que Darcy, em suas próprias palavras, fazia política e ciência “movido por razões éticas e por um fundo de patriotismo” (Ribeiro, 2009, p. 16).

Com isso, o patriotismo darcyano pode ser visto como a combinação que exigia tomar a coisa pela raiz, “raiz que para o homem é o próprio homem” (Marx, 2006, p. 151). Fosse outro o caso, se poderia transformar o que não se conhece enquanto processo constitutivo de um fenômeno complexo? Se pode pensar a transformação sem conhecer a organização basilar do que se almeja transformar? Darcy se prontificou a demonstrar que não, como se pode ver na figura a seguir, reproduzida a partir da representação feita pelo autor em *O Povo Brasileiro* (Ribeiro, 2009, p. 2011), onde a figura revela, até para os olhos mais ligeiros, que há de se demorar nos detalhes do problema para tracejar a máxima solução:





Todo um vasto e heterogêneo universo de gentes submetidas ao subemprego, ao desemprego crônico, ao desapossamento absoluto de direitos.

Aristocracia operária empregada nas indústrias pertencentes a corporações multinacionais e demais assalariados portadores de vínculo empregatício, dotados ou não de filiação sindical.

O modelo acima, simplificado por um recurso técnico, deixa visualizar que as duas últimas camadas da pirâmide é onde estão localizados os sujeitos atravessados pela classe, cor e preconceito, em uma configuração social moribunda que continua possuindo o corpo social atual. A classe explorada continua sendo alvo da violência institucionalizada e da ausência estatal, pois são estas as condições da existência de ser classe explorada no sistema capitalista.

O esquema de Darcy segue sendo realidade comprovada nos números da miséria, do desemprego, da fome, do analfabetismo, dos assassinados em operações policiais, dos vitimados pelas chuvas e pelos deslizamentos de terra, pelos desastres capitalistas que desconfiguram cidades e composições naturais inteiras. No infortúnio da memória de Darcy e da peleja dos que seguem vivos, a herança continua sendo maldita, embora as elaborações teóricas e práticas de Darcy sejam algo como seu avesso.

#### **4 CONCLUSÃO**

Diante do breve passeio que este ensaio propôs, cabe encerrá-lo com duas considerações de linha política, pois como bem disse o sujeito central do discutido, se faz política e se faz ciência no impulso das questões éticas, ainda que o pouco do patriotismo seja melhor revelado como desejo de um país soberano e solidário com os países que buscam suas soberanias.

A primeira consideração diz respeito ao Brasil sonhado por Darcy como o país do eterno futuro (Manoel, 2023), aquele que findou por se arrastar para terras distantes,



paralisado por uma degradação crescente, materializada na guinada global à extrema direita, na juventude moldada por ideais conservadores, na naturalização do genocídio de populações não-brancas, no agravamento da crise climática e em uma esquerda sem força para organizações práticas.

O futuro fraturado que ocupamos nos oferece poucos bolsões de ar em uma negativa à criatividade de agir sobre o presente, “de fazer coisas aqui e agora” (Ribeiro, 1995,19m16s). A época da lógico do “é isso que temos”, faz morrer nos radares das esquerdas brasileiras institucionalizadas mesmo as perspectivas mais reformistas. E se a pauta for a revolução, o conformismo e o cinismo invadem todas as justificativas das não-ações.

Já a segunda consideração é sobre o lugar da esperança como força indispensável para nutrir um Brasil tecido nos sonhos de quem continua lutando pela classe trabalhadora. Por isso, alinha-se aos passos que seguem em frente mesmo que a beira do abismo seja convocada em todos os afetos neoliberais que conclamam o fim da história (Fukuyama, 1992). A utopia, seja vista do ponto de vista biológico, seja do ponto de vista ontológico, faz continuar caminhando (Galeano, 1994).

Não foi Darcy Ribeiro um caminhante incansável? Não foi ele um grande sonhador? Não foi ele movido pela esperança – palavra-ação que aqui pode ser tomado como sinônimo da palavra-ação sonho – da possibilidade de realizar o Brasil em todas as suas potencialidades mesmo com o medo à espreita? A esperança-sonhadora é mesmo coisa indomada. Sorrateira, ela persiste porque sem o medo há o mundo (Lispector, 1998), por pisar no chão mirando as estrelas, Darcy confiava nisso. Este escrito também confia.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, Marcos (org). **Cinco minutos com Deus e Dom Hélder Câmara**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

BETTO, Frei. **Por uma educação crítica e participativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018. 287 p.

BRASIL. **Darcy Ribeiro tem seu nome inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria**. Lei que oficializa a homenagem, assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi publicada nesta quarta-feira (13) no Diário Oficial da União. Disponível em:



<<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/11/darcy-ribeiro-tem-seu-nome-inscrito-no-livro-dos-herois-e-heroínas-da-patria>>. Acesso em: 8 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. Legislação, Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 04 fev. 2024.

CAYMMI, Dori. **João Valentão**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2014. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/39A9W6BEUnd64A4phFUEA1?si=9a144b1fd3c44857>. Acesso em 07 dez. 2024.

ENGELS, F.; MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão popular, 2009.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. 210 p.

FILHO, Antonio Pecci. MORAES, Vinícius de. **No colo da serra**. São Paulo: RGE, 1972. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/09HtU8d4KcDE3mfBxBtEWt?si=295d39fe86274530>. Acesso em 07 dez. 2024.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

GOMES, Candido Alberto. **Darcy Ribeiro**. 1. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p.

GONZALEZ, Mike. **Mariátegui foi o grande pioneiro do marxismo latino-americano**. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2023/03/mariategui-foi-o-grande-pioneiro-do-marxismo-latino-americano/>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANOEL, Jones. **O dilema de Darcy Ribeiro: passado e futuro da esquerda brasileira**. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2023/04/26/o-dilema-de-darcy-ribeiro-passado-e-futuro-da-esquerda-brasileira/>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1843)**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MARX, KARL. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.



MORAES, Vinícius de. **Pedro, meu filho**. São Paulo: Philips Records, 1975. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3cj6CGYCaKHQ6YlyAt9AJC?si=bc697ca14cdd46f4>. Acesso em 07 dez. 2024.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 18. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2016. 142 p.

RIBEIRO, Darcy. A utopia. *In: Debates Impertinentes*. Disponível em: [https://youtu.be/Xp6VW1jwnRM?si=eXuJ5S26wTM\\_97GH](https://youtu.be/Xp6VW1jwnRM?si=eXuJ5S26wTM_97GH). Acesso em 08 dez. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **Discurso de posse**. Academia Brasileira de Letras (ABL), 1993. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/discurso-de-posse>. Acesso em: 07 de dez. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed., 20. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 476 p.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. 357 p.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. 252 p.

TORRES, Antônio. **Um cão uivando para a lua**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 18, n. 1-2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5041>. Acesso em: 7 out. 2025.